CAPÍTULO UM

Filadélfia, outubro de 1948

MAMÃS E DRAGÕES

Ruby

A minha avó Nene sempre disse que chegar cedo era chegar a horas, chegar a horas era chegar atrasada, e chegar atrasada era inaceitável. Fatty estava, mais uma vez, inaceitavelmente atrasada. Sabendo muito bem que eu tinha onde ir. Não me importava de ficar com a avó Nene uma noite por semana, para Fatty poder ir limpar escritórios. Tudo o que pedia era que estivesse em casa a tempo de eu apanhar o autocarro para as minhas aulas de enriquecimento de sábado[1]. E pela terceira semana consecutiva, Fatty arrastou os pés pesados para dentro do apartamento de Nene com quinze minutos de atraso, dizendo, na sua voz aguda:

— Ruby, miúda, desculpa. Deixa-me contar-te o que aconteceu.

A minha prima tinha mais desculpas do que uma puta a caminho da cadeia e, esta manhã, eu não tinha tempo para ouvir as suas histórias estapafúrdias. Tinha uma hora para fazer todo o caminho até Filadélfia Sul, pelo que retorci os lábios de uma forma que esperava que comunicasse como estava irritada pela sua falta de consideração.

— Tens o meu dinheiro para o autocarro? — Estendi a mão à frente dela, mas Fatty passou por mim no corredor estreito e pelas fotografias de família penduradas, tortas, em molduras desencontradas, até à pequena cozinha em L. Marchei atrás dela, enquanto ela tirava a peruca com corte à tigela e a atirava para o balcão.

[1] Programa de estudos direcionado a populações de estudantes pertencentes a minorias étnicas que visa facilitar a sua entrada nas universidades e mercado de trabalho. (*N. da R.*)

— A tua mãe disse qu'o deixava para ti.

Uma barata bebé saiu a correr de debaixo da torradeira, e Fatty esmagou-a com a mão.

— Vais fazer-me andar o caminho todo na direção oposta? Dá-me vinte cêntimos e pronto.

— Dava-te se pudesse — disse ela, esfregando as mãos no lava-louças. — Mas estou completamente falida até à próxima sexta.

O meu escalpe aqueceu.

— A 'vó não tem dinheiro por aqui? E se a minha mãe se esqueceu?

— Calma, falei c'a Inez ontem à noite, ela disse que deixava. Agora para de me massacrar os nervos. Se saíres já, chegas a tempo.

Fatty meteu a mão no frigorífico e abriu uma lata de *Schlitz*. Encostou-a aos lábios e deu um longo gole, depois soltou o ar de uma forma que sugeria que tinha ansiado por aquela cerveja o caminho todo até casa. Depois de outro gole ávido, desabotoou o uniforme azul até à cintura. Os pneus no seu tronco suspiraram de alívio.

— A Nene tomou o remédio?

Agarrei na pasta da escola, acenando com a cabeça em frustração.

— Está a dormir há vinte minutos. A próxima dose é às onze.

Com a porta da frente aberta, podia sentir o cheiro de comida a fritar no apartamento da vizinha nova no primeiro andar. Tinha bebés gémeos que mantinham uma choradeira em coro a noite toda.

— Já não faço isto por ti, nunca mais.

Fatty arrotou, depois disse-me:

— Eu pedi desculpa. Raios, rapariga, o qu'é que queres? Sangue?

Bati com a porta em resposta, depois senti-me mal, esperando não ter perturbado Nene.

A torrada que tinha preparado para o caminho estava fria e a manteiga dura. Enfiei o pão na boca enquanto corria pelos dois lanços de escadas, para a rua 28. Ainda havia humidade no ar, da chuva de ontem à noite, e tive de contornar folhas molhadas que se juntavam nos buracos.

Tinham-me marcado falta de atraso nas últimas três semanas, e a Sra. Thomas dissera que, se me atrasasse para mais alguma aula de enriquecimento, iria escrever uma participação. Perguntei-me se Fatty

estaria a interferir com o meu futuro de propósito. Toda a gente, até Fatty, sabia como era prestigioso ser selecionada para participar no programa *Erguemo-nos* da Associação Armstrong. Era uma dos doze alunos negros, escolhidos em toda a cidade de Filadélfia, que competiam para receber uma bolsa completa de quatro anos para a Universidade de Cheyney, historicamente a mais antiga universidade negra no país. Para a ganhar, tinha de ser impecável em todos os sentidos, e chegar a horas era uma exigência. Se não me fosse dada a bolsa, podia esquecer ir para a universidade estudar oftalmologia. Ninguém na minha família tinha ido para a universidade, nem tinha dinheiro para me mandar para lá. Recusava-me a deixar o desprezo de Fatty pelos horários afundar o meu futuro. Sobretudo porque ela nem sequer tinha acabado o secundário.

Na avenida Columbia, passei pelo Templo de Deus, onde mulheres vestidas de branco da cabeça aos pés saudavam a congregação junto à entrada da loja. Era a única igreja do bairro que se reunia aos sábados de manhã, e evitei o contacto visual, não fosse uma das mulheres pensar que tinha curiosidade em ser salva pelo seu Senhor e tentar convencer-me a juntar-me a elas.

Apressei-me, virando a esquina para a rua 33. Podia ver, a meio do quarteirão, quatro homens juntos, em cadeiras desdobráveis, em frente à barbearia de Process Willie. Havia um tabuleiro de gamão posicionado entre dois deles, e agarravam-se todos a copos de papel, provavelmente a beber alguma aguardente que os mantinha quentes durante as primeiras horas da manhã. As roupas amarrotadas e expressões aturdidas sugeriam que tinham andado naquilo a noite toda, e eu sabia que isso significava chatices.

Abotoei até cima a minha enorme camisola de malha, na esperança de me tornar invisível aos seus olhos. Mas não fui rápida o suficiente. Assim que desci da berma, ouvi o primeiro a chamar.

— Miúda, és tão boa que fazes um homem chorar.

O que estava ao lado dele abriu um sorriso suficientemente largo para eu ver que lhe faltava um dente.

— Sim, s'nhor. Formato de garrafa de Coca-Cola. Dá vontade de beber.

— Aposto que tam'ém é doce com'um rebuçado.

O que estava mais perto de mim estendeu a mão para a minha, mas eu desviei-me.

— P'ra quê tanta pressa? O Paizão tem tud'o que precisas aqui mesmo.

Lancei-lhe o olhar mais malvado que consegui e esquivei-me deles. Os homens continuaram a assobiar, e sentia o seu olhar fixo no meu traseiro. Era nestas alturas que desejava que houvesse um botão que pudesse apagar-me. Não para morrer nem nada. Só para não existir. No mínimo, gostava de espetar um alfinete nas minhas mamas gigantes e rebentá-las como balões de água. Tornar-me achatada como uma panqueca e tão aborrecida como uma chávena de chá. Talvez, então, a minha mãe me visse por quem eu era e deixasse de me chamar nomes.

Vivíamos num apartamento arrendado na esquina da rua 33 com a Oxford. Era o terceiro lugar a que chamávamos lar nos últimos dois anos. Do lado de lá da rua, havia um parque enorme pelo qual eu não me atrevia a aventurar-me. O mais próximo que chegava dos verdes luxuriantes era o alpendre da frente, onde me sentava numa cadeira desdobrável ferrugenta e via homens de rosto avermelhado a jogar golfe, as suas mulheres loiras estacionadas com as suas crianças e lanches embalados em cima de mantas, perto dali, com os êxitos mais recentes de Tony Bennett e Percy Faith a tocar bem alto.

Saltando os degraus de cimento do nosso edifício de tijolos vermelhos, tateei à procura das chaves em redor do meu pescoço. Nenhuma das campainhas funcionava, e tinha de remexer as chaves na fechadura várias vezes antes de girar. Quando chovia, a porta encravava e tinha de empurrar a madeira pesada com o ombro para a obrigar a abrir. Conforme subia os degraus decrépitos, de dois em dois, sentia a blusa a colar-se-me às costas. Sempre que ficava nervosa, o meu rosto e costas desatavam a suar de forma enervante. O autocarro chegava dali a vinte minutos, o que me dava tempo para trocar para outra blusa que não precisasse de ser engomada e roubar um bocadinho do perfume de Inez.

A porta abriu-se para a cozinha cor de canário e senti o cheiro a cigarro aceso. Esfreguei a manga do casaco na testa e engoli a inquietação.

Inez deixava sempre dinheiro para mim no mesmo esconderijo: embrulhado em papel de cozinha e metido entre duas facas de carne, numa gaveta da cozinha. Fiz deslizar a gaveta, suspirando de alívio quando vi o guardanapo. Os meus dedos curvaram-se em torno dele, mas pareceu-me leve. Sacudi o papel para o tirar, depois desviei as outras facas, na esperança de que o dinheiro tivesse, de alguma forma, escorregado. Mas não encontrei nada.

Uma nova onda de suor humedeceu-me o couro cabeludo enquanto tentava pensar no que fazer a seguir. Não havia trocos largados pela casa; tinha usado o que sobrara a semana passada, quando Inez não me deixara dinheiro. Não fazia ideia de quanto tempo levaria para andar de Filadélfia Norte até Filadélfia Sul, mas a simples ideia de atravessar a cidade a pé dava-me dores de cabeça.

Os meus dedos trémulos agarraram o estofo solto na cadeira da cozinha, a tentar estabelecer um plano, quando Leap, o mais recente namorado da minha mãe, entrou na cozinha com um cigarro preso entre os dentes, manchados de nicotina.

— O que estás aqui a fazer? — tombou-me dos lábios.

Ele inclinou a cabeça para mim.

— Agora tam'ém és minha mulher?

— Costumas 'tar no barbeiro ao sábado de manhã.

Leap deambulou até ao lava-louças e abriu a torneira. Deixou a água correr por uns segundos e depois pegou num copo do escorredor e encheu-o. Enquanto bebia, os seus olhos percorreram-me. Os olhos errantes de Leap faziam-me sempre sentir constrangida. Em geral, evitava-o tanto quanto podia, mas, naquele momento, não afastei o olhar.

Um lenço de cetim azul-bebé estava atado em volta do seu cabelo com tratamentos químicos, amarrado na testa. A sua pele era lisa, cor de cerejeira. Do seu pescoço pendia uma corrente, e tinha a *T-shirt* para fora das calças com cordões. Achava-se parecido com o Nat King Cole, mas não era tão giro, nem de perto.

A cozinha parecia apertada e quente com os dois ali parados. Leap debruçou-se sobre a mesa e deu pancadinhas no cinzeiro com o cigarro entre as contas espalhadas. Conseguia ouvir o tique-taque do relógio de parede e a água da sanita a correr ao fundo do corredor.

Leap esquecera-se outra vez de abanar a pega do autoclismo depois de o puxar.

— Porqu'é que estavas a vasculhar aí?

— A minha mãe disse que me deixava vinte cêntimos para o autocarro para a rua Lombard. Viste-os?

— *Naah* — disse de forma arrastada.

— Bem, podes emprestar-mos até ela chegar a casa?

Um ligeiro sorriso perpassou-lhe o rosto.

— Qu'é que vais fazer por mim?

O meu autocarro passava dali a dez minutos, e conseguia ouvir o tique-taque de cada precioso segundo no relógio da cozinha.

— O qu'é que queres? — Roí a unha, cuspindo bocadinhos de verniz cor-de-rosa.

Leap esmagou o cigarro.

— Um beijo.

— Hã? — O meu estômago afundou-se tanto que me esqueci de respirar.

— Só um rápido. Não há mal nenhum, e dou-te vinte e cinco cêntimos. — Dirigiu-me um sorriso. A coroa de ouro brilhou do lado superior direito da sua boca.

Eram dez cêntimos para cada lado, mais cinco extra para um *pretzel* e um sumo no intervalo. Inez nunca me dava dinheiro extra para comida. Era comum sentar-me na aula com fome. A minha pasta da escola ficara pesada; não me tinha apercebido de que ainda a tinha nas mãos. O *stress* de tudo isto estava a levar a melhor sobre mim. Estava desesperada por ir às aulas, determinada a ganhar a minha bolsa de estudos para podermos deixar de depender dos namorados assustadores de Inez para termos onde viver.

— Só um beijinho? — A minha voz falhou, a detestar estar naquela posição, e a detestar Inez ainda mais por me pôr naquela posição.

— Sim.

— Na bochecha?

Ele pôs a mão no bolso e fez a moeda saltar no ar com o polegar e o indicador, apanhou-a e bateu-a na mesa.

— Nos lábios.

Estremeci.

Leap pôs as mãos atrás das costas, semicerrando os olhos como o via fazer para Inez quando queria que ela lhe desse um bocadinho de açúcar, como ele lhe chamava. A vergonha inundou-me. Engolindo os nervos, obriguei os meus pés a dar a volta à mesa cromada da cozinha, na direção dele.

A única coisa entre mim e chegar ao programa a horas era um beijo. Um beijinho de nada. Eu conseguia. Quando fechei os olhos e me debrucei, consegui sentir o pivete dele, uma mistura do *whiskey* de ontem e dos cigarros desta manhã. Segurei o vómito.

Leap comprimiu os lábios grossos contra os meus e os meus joelhos chocaram um contra o outro. Num instante, senti a sua língua asquerosa a forçar os meus lábios a abrirem-se. Quando tentei afastar-me, Leap pousou uma mão sobre o meu seio esquerdo e usou a outra para me agarrar o traseiro, puxando-me para ele. Contorci-me, mas ele só me apertou mais, a empurrar o seu coiso contra a minha coxa sobre a saia.

— Para — choraminguei, pressionando os cotovelos na sua cintura, a tentar libertar-me. Mas o seu aperto era inquebrável.

Nesse instante, a porta da frente abriu-se. Leap saltou para trás e empurrou-me, mas não foi rápido o suficiente. Os olhos grandes de Inez viajaram entre nós como os de uma louca.

— Mas que raio? — gritou, largando o saco de papel pardo das compras. Ouvi algo a rachar-se, ao bater no chão de linóleo.

Leap afastou-se mais de mim, as mãos levantadas, como se ela fosse a polícia.

— Ela atirou-s'a mim. A dizer que precisava de dinheiro p'ró autocarro. 'Tava em cima de mim antes qu'eu a pudesse parar.

— Mentiroso — sibilei. — Foste tu.

— Sai daqui, foda-se! — A minha mãe pôs o braço no ar como se estivesse a disparar um tiro de aviso. Fios suaves do seu rabo-de-cavalo tinham-se soltado. Partilhávamos o mesmo tom de pele cor de noz, mas o dela tornara-se vermelho-maçã.

Voltei-me para Leap, à espera de ver como ele reagia, contente por a minha mãe estar finalmente a tomar o meu partido. Mas depois

apercebi-me: ela estava a olhar para mim. Estava a falar comigo. Era a mim que ela culpava. Os seus olhos rasgaram-me como uma faca de carniceiro.

— Agora! Cu espevitado!

Agarrei na moeda e, quando cheguei à porta da frente, ela empurrou-me a nuca.

— Não tens nada que meter-te c'o meu homem. Age com'a criança que és.

Bateu a porta atrás de mim com tanta força que o impacto fez abanar as dobradiças. Tropecei pelos degraus íngremes, estendendo a mão para o corrimão, para me impedir de cair. Uma vez lá fora, tentei sacudir a cena toda da minha cabeça, mas continuei a sentir as garras de Leap em mim, continuei a sentir a fúria de Inez a queimar-me no peito, enquanto corria os três quarteirões até ao autocarro.

A cerca de meio quarteirão de distância, vi o autocarro parar junto à berma e corri mais depressa, os joelhos para cima e para baixo sob a saia, a pasta a bater-me com força na anca. Gritei, acenando com as mãos para chamar a atenção do condutor. A menos de um metro, a porta fechou-se, mas eu estava perto o suficiente para bater com o punho no revestimento de metal.

— Por favor, espere! — berrei.

Mas o condutor afastou-se da berma como se não me tivesse ouvido. Como se eu não importasse. Como se eu não existisse. Atirei a pasta da escola ao chão, depois dobrei-me e cuspi o sabor insuportável de Leap da boca.

CAPÍTULO DOIS

Washington, D.C., outubro de 1948

A LINHA

Eleanor

Eleanor apressou-se a atravessar o campus da Universidade Howard, apertando a carta na mão. O selo do endereço de retorno vinha timbrado com o emblema das Alpha Beta Chi, por isso sabia que era o que esperava: uma resposta à sua carta de manifestação de interesse em integrar a sororidade.

Observara as raparigas a andarem pelo campus com protagonismo todo o ano anterior. Eram glamorosas, sempre com os seus lenços lilás a condizer, camisolas de malha apertadas, saltos altos elegantes e caracóis brilhantes. Faziam trabalho significante, como organizar campanhas de transporte de livros para crianças do Sul rural, desenhar cartazes para apoiar Mary Church Terrell na sua luta incansável para acabar com a segregação nos alojamentos públicos e recolher alimentos para os pobres. Mas, mais importante, eram as melhores dançarinas de *stepping* em cena. Quando rodavam as suas cabeças bonitas, clamavam, batiam os pés e batiam palmas, todos paravam para prestar atenção. Embora houvesse outras sororidades no campus, era claro que as senhoras de prata e lilás estavam no topo da pilha, e Eleanor, agora no segundo ano e finalmente elegível, estava ansiosa por juntar-se a elas.

Atravessou o relvado com cuidado para não passar por cima de outros alunos a estudar ou a relaxar na relva entre aulas e escapuliu-se pelos degraus do seu dormitório, pisando sem querer o pé gigante de um jovem.

— Oh, desculpa — gritou sobre o ombro, enquanto se apressava pelo corredor do primeiro andar para o seu quarto, à esquerda.

O coração batia depressa, em antecipação, e tentou acalmar-se encostando a carta ao peito. Este *tinha* de ser o seu convite. O que iria mudar a sua vida. Torná-la brilhante, em vez de opaca. Popular, em vez de ignorada. Parte de um grupo vibrante, em vez de vulgar e sozinha.

Não sabia de onde viriam os fundos para os custos da iniciação; afinal, o dinheiro para os livros e materiais dos últimos três semestres haviam esgotado as finanças dos pais. Mas os pormenores não importavam. Arranjaria uma forma. Os dedos de Eleanor tremeram ao deslizar sob a aba do envelope de linho, soltando a cola do selo. Uma folha de papel a combinar escorregou-lhe para a mão.

1 de outubro de 1948

Cara menina Quarles,

Agradecemos muito a sua candidatura e solicitação para a sororidade Alpha Beta Chi. Valorizamos a sua dedicação e entusiasmo pelos nossos membros e missão. Embora demonstre um ótimo espírito, recebemos um conjunto forte de candidatos e não podemos oferecer-lhe um lugar connosco este ano. Por favor, mantenha a sua presença na comunidade, estude muito e convidamo-la a tentar novamente no próximo ano.

Sua em irmandade,
Greta Hepburn
Presidente da Alpha Beta Chi, Incorporada.

A visão de Eleanor desfocou-se, e pestanejou várias vezes antes de voltar a ler a carta, desta vez mais devagar. Examinou cada palavra, à procura de que dissessem o oposto do que lera da primeira vez. Mas, à terceira leitura, os seus olhos estavam quentes com lágrimas. Não a tinha lido mal; fora rejeitada.

Eleanor estava a amachucar a carta na mão quando a sua companheira de quarto, Nadine Sherwood, irrompeu pela porta.

— Porque é que estás com ar de que alguém morreu?

Eleanor atirou a correspondência amachucada para a mão enluvada de Nadine. Depois de a alisar e passar os olhos por ela, Nadine largou a folha no cesto dos papéis ao lado da cómoda.

— Podia ter-te poupado o trabalho, se soubesse que ias tentar as ABCs. Porque não me contaste? — Despiu o casaco do fato de lã enquanto retirava os sapatos de salto com abertura nos dedos.

— Queria fazer-te uma surpresa.

— Querida, toda a gente sabe que só escolhem raparigas com o cabelo liso como esparguete e pele mais pálida do que papel. Onde é que tens andado? — Nadine sentou-se na sua cama de solteira, tateando a cigarreira dourada. — Às vezes ages como se Ohio fosse outro planeta.

Eleanor já tinha ouvido esses boatos sobre as ABC, mas descartara-os como apenas isso. Primeiro, porque era completamente disparatado avaliar o valor de uma rapariga pela cor da sua pele e, segundo, porque conhecia pelo menos duas raparigas que tinham entrado e não correspondiam àquela descrição.

— A Millicent é uma ABC e é um bocadinho mais castanha do que eu.

— O pai da Millicent é juiz. Ela vem de gerações de dinheiro. — Nadine acendeu o seu *Chesterfield*. — A mãe dela é ABC, e ambos os pais frequentaram Howard. Chama-se legado.

Eleanor não se apercebera disso. Esta forma de vida era nova para ela. Voltou as costas a Nadine e estudou a sua imagem no espelho de parede, à direita da porta. Os seus olhos ainda estavam manchados de lágrimas. Tinha uma pele de um cobre morno, um nariz largo, maçãs do rosto altas e um cabelo decente. Era assim que a mãe, Lorraine, se referia a ele quando lhe passava a escova quente, todos os domingos, antes da missa. Tinham dito a Eleanor que era bonita, mas ela nunca pensara na cor da sua pele como uma vantagem ou um aspeto negativo. Simplesmente *era*.

Francamente, nem sequer sabia que os negros se separavam por cor até pôr o pé no campus universitário inteiramente negro, havia um ano. A casa de Eleanor em Ohio estava entalada entre italianos e alemães; uma família polaca vivia no seu quarteirão. Os negros na sua

cidade estavam demasiado ocupados a dar-se bem com toda a gente para se voltarem uns contra os outros.

— O que é que eu faço agora?

— Esqueces essas cabras convencidas e vens comigo dançar esta noite.

Eleanor soprou. Aquela era a resposta de Nadine para tudo. Ir a uma festa. Era espantoso que conseguisse estudar de todo.

— Tenho de trabalhar.

— Estás sempre a trabalhar. É suposto a faculdade ser a melhor altura da tua vida e tu nunca relaxas. Acho que não foste a uma boa festa o ano todo.

— Tenho de manter as notas. Os meus pais não trabalharam como o diabo para eu vir para aqui desperdiçar tudo a dançar o Lindy Hop, Nadine.

Eleanor queria acrescentar, *Não nasci num berço de ouro como tu*, mas Nadine não o merecia. Sempre fora querida com Eleanor, sem levantar questões com as suas diferenças.

Nadine levantou-se e abriu o roupeiro que partilhavam, embora, na realidade, pertencesse quase tudo a Nadine. Depois de empurrar de um lado para o outro alguns vestidos feitos à medida, Nadine atirou para cima da cama de Eleanor um vestido de largo decote redondo.

— Já não caibo nisto. Parece-me que é mesmo o teu tamanho.

Eleanor comprimiu os lábios para se impedir de sorrir. Era uma beleza. Com um cinto. O tom perfeito de rosa. Um material acetinado suave ao toque.

— Para de me tentar. — Ela voltou-me as costas.

— Dançar vai libertar essa tristeza dos teus ossos — provocou Nadine, atravessando o quarto minúsculo de volta para a cama. — E, só para que saibas, já ninguém dança o Lindy Hop.

Eleanor sacudiu a cabeça e estendeu a mão para debaixo da cama, para tirar o seu único bom par de sapatos de cunha. Depois de um ano a usá-los meio tamanho abaixo do seu, tinham, por fim, alargado o suficiente para serem razoavelmente confortáveis. O seu turno começava dali a trinta minutos e, com a biblioteca do outro lado do campus, precisava de pôr-se a andar.

Apagando o cigarro, Nadine fitou-a com um olhar altivo.

— Não aceito um não como resposta.

Eleanor deu por si a medir a estrutura esbelta de Nadine. Se o que Nadine dizia das ABC fosse verdade, poderia ter facilmente correspondido às exigências de cabelo e tez, embora não parecesse minimamente interessada em clubes sociais. Nadine vivera a vida toda em Washington, D.C., e não tinha de esforçar-se tanto como Eleanor para se integrar. O seu último nome abria-lhe portas sem ter de levantar um dedo para fazer qualquer contacto por si própria.

— É melhor ir andando.

— Esta noite, Ohio — cantarolou a sua alcunha para Eleanor. — Vou esperar que regresses e depois melgar-te até pores esse vestido.

— Nem sequer pedi um livre-trânsito para sair esta noite.

— Eu trato da responsável do dormitório — disparou Nadine em resposta.

Eleanor acenou com a cabeça, exasperada, e fechou a porta atrás de si. Como podia concentrar-se em ir a uma festa quando a sua confiança fora tão ferida? Eleanor não era capaz de se lembrar da última vez que quisera tanto alguma coisa como queria juntar-se às ABC. Trabalhara arduamente na sua candidatura, passando mais de uma semana a aperfeiçoá-la. A sua média estava bem acima do exigido e fizera, várias vezes, voluntariado na Escola Básica de Harrison, como serviço comunitário. Pior, esta fora a primeira vez que se expusera, depois daquele sarilho em que se metera no último ano do secundário. Só para lhe rebentar na cara. Em teoria, parecia a candidata ideal.

Mas no espelho não és.

Acelerou, tentando atenuar a centelha de insegurança que começara a sussurrar-lhe quando chegara à universidade. Distraída, atravessou a praça dos Fundadores, pisando o emblema em pedra calcária da universidade. Dizia-se que, se passasses por cima da marca sem a ler, ganhavas um semestre de azar. Eleanor parou. Não podia ter mais azar.

A biblioteca do campus era mesmo adiante, e Eleanor atravessou as portas e subiu os degraus de mármore até ao segundo andar. A sua chefe, Dorothy Porter, estava do lado de lá da parede de vidro, na sala das coleções, levantando uma lupa contra o olho. Os seus caracóis apertados estavam afastados da testa, e usava um vestido às bolinhas abaixo do joelho.

— Chegou um documento novo? — perguntou Eleanor, enquanto largava a mala.

A sala das coleções era mantida sempre fresca e seca, proporcionando um ambiente estável para a montagem de manuscritos, panfletos e livros raros de que a Sra. Porter fazia a curadoria, no seu papel enquanto arquivista.

— É uma carta de James Forten, de Filadélfia, dirigida a Lloyd Garrison, datada de 31 de dezembro de 1830 — disse ela em voz baixa, como se falar num volume normal fosse destruir o papel delicado na sua mão.

Eleanor leu por cima do ombro da Sra. Porter, sabendo, de ter trabalhado com ela no último ano, que não podia atrever-se a tocar no papel sem lavar as mãos.

— Forten era um rico fabricante negro de velas. Uma peça extraordinária para juntar ao nosso puzzle de manuscritos. — Os olhos da Sra. Porter brilharam. — Vou precisar que faças a codificação disto.

— Homem livre. Biografia. Filadélfia? — Eleanor olhou para ela em expetativa.

— Sim, e depois por década e género. — A Sra. Porter deslizou a folha para dentro de uma capa de película de poliéster transparente e depois passou-a a Eleanor. — Temos uma mostra privada de biografias e retratos para um financiador em Boston no mês que vem. Gostava da tua sugestão sobre que peças devemos exibir.

Eleanor voltou rapidamente a cabeça na direção da Sra. Porter, surpreendida. Aquilo era uma novidade, e espalhou uma camada de bálsamo sobre a picada da carta de rejeição da sororidade. A Sra. Porter protegia muito a «sua coleção», que passara duas décadas a reunir, e o seu zelo profissional era assombroso.

Eleanor chegara a Howard para um *major* em Inglês, com intenção de vir a ser professora, mas isso mudara poucas semanas depois de começar o semestre, ao conhecer a Sra. Porter.

Eleanor estava a estudar na biblioteca, quando uma voz atrás dela perguntara:

— Importa-se de me dar uma ajudinha, minha querida?

Uma mulher — a Sra. Porter — estava de pé num fato axadrezado, com um saco de compras volumoso em cada mão. Eleanor pegara no mais pesado e seguira-a até à Sala Moorland.

— Cuidado com isso — repreendera a Sra. Porter quando Eleanor largara o saco na mesa com uma pancada. — Nunca se sabe que tesouros se podem encontrar no chão das caves das pessoas.

O conteúdo dos sacos tinha um odor intenso, mas isso não impedira a Sra. Porter de examinar cada peça com gentileza, com o cuidado de uma mãe-galinha. Havia cartas, um diário, fotografias, livros poeirentos, bugigangas ferrugentas e recortes de jornal. Eleanor perguntara à Sra. Porter para que era aquele sortido, uma vez que tinha uma propensão para coisas antiquadas.

— O meu objetivo é construir uma coleção que reflita toda a nossa história. Uma História Negra exaustiva. — A Sra. Porter abrira um sorriso radiante.

O seu entusiasmo era contagiante, e, depois de apenas uns momentos juntas, a Sra. Porter perguntou:

— Já leu *Incidentes na Vida de Uma Escrava*?

— De Harriet Jacobs? É um dos meus favoritos. — Eleanor sorriu. Era uma autoproclamada fanática por história desde que a sua professora do oitavo ano lhe apresentara os textos de Claude McKay, Alice Dunbar-Nelson e do seu marido Paul Laurence Dunbar.

A Sra. Porter indicara a Eleanor que calçasse um par de luvas brancas e depois pusera-lhe um recorte de jornal envelhecido nas mãos. Eleanor olhara da peça entre os seus dedos para a Sra. Porter, de boca aberta.

A Sra. Porter confirmou:

— Um anúncio original para a captura de Jacob. Foi publicado no jornal *American Beacon* a 4 de julho de 1835, em Norfolk, Virgínia.

A pele dos braços de Eleanor arrepiou-se enquanto observava o anúncio, que oferecia cem dólares de recompensa para a apreensão e entrega de Harriet Jacob. Vieram-lhe lágrimas inesperadas aos olhos, enquanto se lembrava de Jacob escondida no sótão da casa da avó durante sete longos anos, antes de escapar, por fim, para o Norte, para a liberdade. O olhar de Eleanor fixou-se no da Sra. Porter, enquanto uma espécie de compreensão passava entre elas. Desse momento em diante, Eleanor apegou-se. Antes de ter terminado o seu primeiro semestre, mudara o *major* para História, com o objetivo de se tornar bibliotecária e arquivista, tal como a Sra. Porter.

Fazer a curadoria de uma coleção era o primeiro passo, e respondeu animadamente:

— Tenho umas ideias.

— Maravilhoso. Deixei uma pilha de cartões fichas catalográficas para ti, no balcão de atendimento, que precisam de ser catalogados. Vou estar no meu escritório, a aliciar umas quantas doações em dinheiro.

A Sra. Porter pegou em vários sacos novos, repletos de livros, e dirigiu-se para o terceiro andar. Quando Eleanor chegou ao balcão de atendimento, encontrou uma lista de utentes com livros em atraso para quem era preciso telefonar. Entre chamadas e as tarefas atribuídas pela Sra. Porter, tinha trabalho mais do que suficiente para manter a cabeça ocupada.

A biblioteca era o lugar mais sossegado no campus, sobretudo para alguém como Eleanor, que crescera a preferir a companhia dos livros à das pessoas. Embora, muito no fundo, soubesse que desejava ambas, razão pela qual queria juntar-se às ABC, e uma nova onda de rejeição repuxou-lhe o lábio inferior num amuo. Talvez devesse considerar ir à festa com Nadine. Passara-se muito tempo desde a última vez que se arranjara, e sempre gostara de dançar. Mas não, tinha vários capítulos para ler para a aula de Filosofia. O tempo que gastara a trabalhar na candidatura para as ABC tinha-a atrasado horrivelmente nos estudos. E para nada. Eleanor pôs de lado esse pensamento e voltou-se para o seu trabalho da biblioteca.

Depois de uma hora a separar e a arquivar índices, o som regular do amarrotar de papel desviou a sua atenção da tarefa. Reparou numa

pilha crescente de panfletos amachucados na mesa à sua frente. As suas faces aqueceram, e teve de pousar os cotovelos na secretária para se firmar. As Costas estavam de regresso.

As Costas pertenciam a um rapaz. Sentava-se sempre na mesma cadeira almofadada, à mesma mesa de madeira. Tinha ombros largos, um longo pescoço e cabelo escuro que se encaracolava na nuca. Eleanor sonhara acordada muitas vezes em dar um puxãozinho naqueles caracóis brilhantes. Nos muitos meses em que o admirara do seu posto, não se lembrava de alguma vez o ter apanhado completamente de frente. Dar com o Sr. Costas no seu lugar habitual animava-lhe sempre o dia.

Cerca de uma hora mais tarde, quando Eleanor fazia uma lista de artigos de papelaria que era preciso encomendar, ouviu os passos de alguém a aproximar-se do balcão de atendimento. Olhou para cima e deu de cara com uns ombros largos, um cabelo de caracóis apertados. Era ele. O Sr. Costas.

— Desculpe-me incomodá-la, menina. Mas posso afiar o meu lápis?

A língua de Eleanor perdeu a capacidade de falar. Apanhara-lhe o perfil algumas vezes, mas isso não a preparara para o ver assim, de perto, no seu espaço pessoal. Oh, Deus, de frente, o Sr. Costas era *giro*.

— Funciona? — Os seus olhos muito pretos, ligeiramente oblíquos, pareciam confusos. Tinha pele lisa e lábios suaves.

— Com todo o prazer. — Eleanor recompôs-se. Pegou no lápis dele, enfiou-o no apara-lápis e fez girar a manivela de metal. De súbito preocupada com a sua própria aparência, desejou conseguir ver-se de relance no reflexo do apara-lápis. Tinha os olhos inchados? O cabelo estava direitinho? Voltou-se para ele com o lápis na mão.

— William — disse ele.

— Desculpe?

— O meu nome. É William. William Pride.

— Oh, Eleanor Quarles.

— Há quanto tempo está em Howard?

— Estou no segundo ano. E o William?

— Terceiro ano de Medicina. Também fiz a licenciatura em Howard.

Eleanor manteve a expressão calma, embora, por dentro, estivesse a fazer piruetas. Ele ia ser médico. Um médico negro.

— Bem, vou cá estar o dia todo, se precisar de afiar outra vez o lápis. — A sua voz falhou, e tentou disfarçar os nervos com uma gargalhada animada.

— Vou lembrar-me disso. — Piscou o olho e regressou à sua mesa. Eleanor voltou a arquivar, esforçando-se o tempo todo por se concentrar nos papéis à sua frente em vez de olhar para as belas costas de William Pride.